



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 1 - 2025



A Cidade de Deus: A Peregrinação da Alma entre o Tempo e a Eternidade

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

"O homem é um peregrino entre duas cidades: a do mundo e a de Deus; mas só encontra descanso quando o seu coração repousa n'Aquele que o criou." (Santo Agostinho)

Resumo

A presente resenha teológico-espiritual busca analisar A Cidade de Deus, de Santo Agostinho, como uma obra de síntese entre fé e razão, teologia e história, tempo e eternidade. Escrita no contexto da queda de Roma, o livro propõe uma leitura cristã da história humana à luz da oposição simbólica entre duas cidades: a Cidade dos Homens, fundada no amor-próprio levado ao desprezo de Deus, e a Cidade de Deus, fundada no amor a Deus levado até o desprezo de si. Mais do que uma reflexão filosófica, trata-se de uma obra espiritual e profética que ilumina o caminho do peregrino cristão, convidando-o a caminhar entre as ruínas do mundo e a esperança da Jerusalém celeste. O artigo aprofunda as dimensões teológicas, históricas e espirituais da obra, situando-a no coração da tradição patrística e na atualidade do discipulado cristão.

Abstract

This theological and spiritual review analyzes The City of God by Saint Augustine as a synthesis between faith and reason, theology and history, time and eternity. Written in the context of Rome's fall, the book proposes a Christian interpretation of history through the symbolic opposition of two cities: the City of Man, founded on self-love leading to the contempt of God, and the City of God, founded on the love of God leading to the contempt of self. Beyond philosophical speculation, it is a prophetic and spiritual work that illuminates the path of the Christian pilgrim, called to walk amid the world's ruins toward the hope of the heavenly Jerusalem. The article deepens the theological, historical, and spiritual dimensions of the work, situating it within the patristic tradition and the living experience of Christian discipleship.

1 - Introdução

No alvorecer do século V, Roma — símbolo de poder, civilização e ordem — caiu diante dos godos de Alarico. O mundo antigo parecia desmoronar, e muitos atribuíram a catástrofe ao cristianismo, recém-oficializado no Império. Em resposta, Santo Agostinho ergueu uma das maiores obras da teologia e da literatura cristã: A Cidade de Deus (De Civitate Dei contra Paganos).



Mais do que uma apologia da fé, Agostinho escreveu uma história do espírito humano, uma peregrinação teológica que contrapõe duas cidades: a Cidade terrena, nascida do amor-próprio e da busca de poder, e a Cidade celeste, edificada no amor de Deus e orientada para a eternidade.

O santo bispo de Hipona escreveu para os homens e mulheres confusos diante da queda do mundo. Mas, nas entrelinhas, escreveu também para os peregrinos de todos os tempos — para aqueles que, como os discípulos de Emaús, caminham pelas estradas do tempo em busca do sentido da história.

Assim, A Cidade de Deus é mais do que um tratado teológico: é um mapa espiritual da peregrinação cristã, um convite à esperança nas ruínas da humanidade.

2 - A Cidade de Deus: contexto histórico e biográfico de Santo Agostinho

Santo Agostinho (354-430 d.C.), nascido na cidade de Tagaste, no norte da África, foi um dos maiores teólogos, filósofos e escritores cristãos da antiguidade. Bispo de Hipona, sua obra exerceu profunda influência na formação do pensamento cristão ocidental. "A Cidade de Deus", escrita entre 413 e 426 d.C., emerge num contexto de crise e transformação: o saque de Roma pelos visigodos em 410 d.C., um evento trágico que abalou a estabilidade do Império Romano e suscitou profundas inquietações espirituais e sociais. Para muitos pagãos, a queda de Roma significava o castigo divino pelo abandono das tradições religiosas antigas em favor do cristianismo.

Diante disso, Agostinho empreende uma defesa vigorosa da fé cristã, buscando consolar os cristãos e reposicionar o entendimento sobre o curso da história. Na sua perspectiva, o mundo terreno, simbolizado como a "Cidade dos Homens", é marcado pela busca egoísta do poder e dos prazeres efêmeros, enquanto a verdadeira cidadania pertence à "Cidade de Deus", eterna e espiritual, formada pela comunhão dos fiéis que amam a Deus sobre todas as coisas. Essa distinção reforça a ideia da coexistência e da tensão entre o temporário e o eterno, entre as potências materiais e o reino divino, que somente terá seu desfecho com o triunfo final da Cidade de Deus na eternidade.

Ao confrontar filosofias pagãs e ideologias políticas da época, Agostinho articula uma teologia da história que vê na providência divina a mão orientadora dos acontecimentos, dando sentido e esperança mesmo nas adversidades humanas. Sua obra transcende a mera apologética para convidar à reflexão espiritual profunda sobre o destino último do homem e da sociedade, oferecendo um norte de fé e moral em tempos de incerteza.

Neste sentido, "A Cidade de Deus" é ao mesmo tempo uma análise teológica e uma meditação devocional, que transcende seu momento histórico para se tornar um marco do pensamento cristão, reafirmando a primazia do espiritual sobre o temporal e a certeza da esperança na vida eterna.

3 - A Queda de Roma e a Crise da Alma Humana

A queda de Roma, em 410 d.C., quando os visigodos de Alarico atravessaram as muralhas da cidade e a submeteram ao saque, não foi apenas um episódio militar: foi um abalo cósmico na consciência do mundo antigo. Roma, tida como “eterna”, símbolo de ordem, poder e civilização, viu-se reduzida a cinzas. Para os homens de seu tempo, esse acontecimento parecia o colapso de toda a realidade. Se Roma podia cair, o que mais permaneceria de pé? O império que dominara povos e continentes, o orgulho da razão e da virtude humana, ruía sob o peso de sua própria soberba.

Diante dessa tragédia, o mundo romano mergulhou em perplexidade e medo. Muitos pagãos culparam o cristianismo pela desgraça: diziam que, ao abandonar os deuses antigos, Roma perdera sua proteção. Os cristãos, por sua vez, viam no desastre um sinal do julgamento divino — uma purificação necessária para que a humanidade reencontrasse o verdadeiro sentido da história. Nesse contexto de angústia e incerteza, Santo Agostinho ergueu sua voz como farol espiritual, oferecendo uma leitura profundamente teológica e filosófica da catástrofe.

Em sua obra monumental, *A Cidade de Deus*, Agostinho não apenas responde aos críticos do cristianismo, mas redefine o próprio conceito de história humana. Para ele, o que estava em ruínas não era o plano de Deus, mas o projeto humano de autossuficiência. Roma não caiu porque abandonou os deuses, mas porque se construiu sobre o amor desordenado de si mesma. Como afirma o santo doutor: “*Dois amores edificaram duas cidades: o amor de si levado até o desprezo de Deus fez a cidade terrena; o amor de Deus levado até o desprezo de si fez a cidade celeste*” (*Civitas Dei*, XIV, 28).

O império romano, em sua glória e magnificência, fora erigido sobre o amor de si — sobre o desejo de poder, de domínio e de glória mundana. E, por isso mesmo, trazia dentro de si a semente de sua própria destruição. Quando a alma humana se afasta da fonte do seu ser — Deus —, ela começa a desmoronar por dentro, ainda que exteriormente brilhe em poder e riqueza. Roma caiu porque, antes de ruir suas muralhas, havia ruído seu espírito. A queda da cidade foi o reflexo de uma crise mais profunda: a crise da alma humana, incapaz de sustentar o peso da verdade sem a graça.

Agostinho, com olhar profético, percebe que a história é o campo onde se travam as batalhas invisíveis do coração. O saque de Roma foi apenas o espelho de um drama mais antigo e permanente — o drama entre o amor de si e o amor de Deus, entre o orgulho e a humildade, entre a cidade dos homens e a cidade de Deus. Assim como Roma caiu, todo coração humano que se exalta sobre si mesmo, esquecendo-se de sua origem divina, também se condena ao colapso interior.

A verdadeira crise, portanto, não é política, mas espiritual. O homem, ao perder Deus, perde-se a si mesmo. Agostinho compreendeu que não bastava reformar o império; era preciso converter a alma. E, por isso, sua obra não é um lamento nostálgico pela glória perdida de Roma, mas um cântico de esperança



na nova Jerusalém. A Cidade de Deus não pode ser destruída, pois é edificada sobre o amor que não passa.

Em sua meditação, o bispo de Hipona revela que a queda de Roma não significava o fim da história, mas o início de uma nova compreensão dela. O tempo humano, com suas ruínas e reconstruções, não é um ciclo de glórias efêmeras, mas uma peregrinação rumo à eternidade. A cidade terrena, com suas paixões e instabilidades, é apenas um reflexo imperfeito da cidade celeste, onde reina o amor que purifica e dá sentido ao sofrimento.

Dessa forma, o lamento pela queda de Roma se transforma, nas mãos de Agostinho, em um convite à conversão. O que ele propõe não é a restauração de um império terreno, mas a edificação interior de uma alma fiel. Cada homem, cada mulher, é chamado a escolher entre as duas cidades: viver para si ou viver para Deus; construir sua casa sobre a areia do orgulho ou sobre a rocha da fé. A ruína de Roma ensina que nenhuma civilização, por mais esplêndida, pode resistir sem os alicerces espirituais da humildade, da justiça e da caridade.

Como um pastor ferido pela dor de seu tempo, Agostinho escreve não para os poderosos, mas para os peregrinos. Ele mostra que a verdadeira pátria não é Roma, nem qualquer império deste mundo, mas o Reino de Deus que nasce dentro da alma purificada pela graça. Assim, o cristão é chamado a viver no mundo sem se prender a ele, a construir e amar sem idolatrar, a servir sem se exaltar.

A queda de Roma, vista com os olhos da fé, torna-se uma parábola da condição humana: toda glória que se ergue contra Deus será abatida, e todo coração que se humilha diante do Senhor será exaltado. Agostinho convida o homem moderno, tanto quanto o romano de seu tempo, a refletir sobre a fragilidade das grandezas mundanas e a buscar no amor divino a estabilidade que o tempo não pode corroer.

Em última instância, a destruição de Roma é o espelho da alma que se afasta de sua origem; e a Cidade de Deus é a promessa de que, mesmo entre ruínas, Deus está construindo uma morada eterna para aqueles que O amam. O império pode ter caído, mas a fé ergueu um novo horizonte: não o da força, mas o da esperança; não o da glória passageira, mas o da eternidade.

4 - A Cidade dos Homens e a Cidade de Deus

A grande síntese da visão teológica e filosófica de Santo Agostinho está contida na oposição simbólica e espiritual entre a Cidade dos Homens e a Cidade de Deus — dois modos de amar, dois princípios de vida, dois destinos eternos. Essa distinção não é meramente política nem sociológica, mas espiritual e escatológica. Em sua profundidade, trata-se de uma leitura do coração humano e da história universal à luz da Revelação.

Desde as primeiras páginas da Cidade de Deus, Agostinho conduz o leitor a compreender que o mundo é um campo de tensão entre dois amores originários: o amor de si levado até o desprezo de Deus e o amor de Deus levado até o desprezo de si (*Civitas Dei*, XIV, 28). Desses dois amores nascem duas cidades: a primeira, terreno de orgulho e autossuficiência; a segunda, reino de humildade e comunhão. A história humana, em toda a sua complexidade e contradição, é o teatro onde esses dois amores se entrelaçam, se confrontam e se desvelam.

A Cidade dos Homens, construída sobre o orgulho, é a sociedade que faz do poder e da glória terrena os seus deuses. Nela, o homem busca ser o centro do universo; sua razão e suas conquistas tornam-se objetos de adoração. É a cidade de Caim, o primeiro fraticida, que erige uma cidade após afastar-se de Deus (Gn 4,17). É também a cidade de Babel, onde os homens, dominados pela soberba, erguem uma torre para “tocar o céu” (Gn 11,4), tentando alcançar pela força o que só a graça pode conceder. Nela, o amor é utilitário, a justiça é parcial e o bem comum é frequentemente sacrificado no altar das ambições pessoais.

A Cidade de Deus, em contraste, não é construída por mãos humanas, mas edificada pela graça. Ela nasce do coração purificado pelo amor divino e se manifesta naqueles que vivem a fé, a esperança e a caridade. É a cidade de Abel, do justo que oferece a Deus o melhor de si; é a Jerusalém celestial de que fala o Apocalipse: “*Vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o seu esposo*” (Ap 21,2). Nesta cidade, o poder dá lugar ao serviço, e o amor de Deus transforma o egoísmo em comunhão.

Agostinho comprehende que ambas as cidades coexistem no tempo presente — misturadas como o trigo e o joio da parábola evangélica (Mt 13,24-30). Enquanto peregrinamos neste mundo, somos cidadãos de ambas, vivendo a tensão entre o que somos e o que estamos chamados a ser. A Cidade de Deus não é uma realidade geográfica, mas uma comunidade espiritual, invisível e universal, que se estende ao longo da história e culmina na eternidade. Já a Cidade dos Homens é transitória, marcada por guerras, corrupções e impérios que se levantam e caem.

O pensamento agostiniano, portanto, não rejeita a cidade terrena, mas a relativiza. O cristão, vivendo na história, é chamado a santificar o tempo, sem se deixar escravizar por ele. Agostinho ensina que devemos obedecer às autoridades e amar nossa pátria, mas sempre lembrando que nossa verdadeira cidadania está nos céus (Fl 3,20). Assim, o fiel é, por excelência, um peregrino — alguém que caminha pela cidade dos homens com o coração voltado para a Cidade de Deus.

Na perspectiva espiritual, essa distinção revela também o drama interior da alma humana. Dentro de cada pessoa coexistem essas duas cidades. O coração dividido entre o amor-próprio e o amor divino é o verdadeiro campo de batalha da história. A conversão, nesse sentido, é a migração da alma: sair da

Babilônia do pecado para a Jerusalém do Espírito. E essa jornada não se faz sem cruzes. O cristão é aquele que, em meio às tentações e vaidades do mundo, aprende a dizer com o salmista: “*Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que minha mão direita se resseque*” (Sl 137,5).

Agostinho via, em sua própria vida, o reflexo dessa luta. Sua juventude desregrada e seu posterior encontro com a graça tornaram-no testemunha viva de que a alma só encontra repouso quando retorna à sua pátria divina. “*Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti*” (Confissões, I, 1). Essa inquietude é o eco do exílio espiritual do homem que vive entre as duas cidades: sente-se cidadão da terra, mas suspira pela eternidade.

A Cidade dos Homens, com sua lógica de dominação e vaidade, continua a seduzir os corações com promessas de poder, prazer e glória. Contudo, sua ruína é inevitável, pois tudo o que nasce do orgulho se consome no fogo do tempo. Já a Cidade de Deus permanece, silenciosa e luminosa, construída sobre o amor que não passa. “*Deus é caridade, e quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus nele*” (1Jo 4,16).

A visão agostiniana é, portanto, uma teologia da história e da esperança. Mesmo quando tudo parece desabar, como na queda de Roma, o cristão sabe que a Cidade de Deus não está em ruínas. Ela cresce nas sombras, floresce nos corações humildes e se manifesta em cada gesto de fé, justiça e misericórdia.

Assim, toda a história humana — com seus impérios, revoluções e tragédias — é, aos olhos de Agostinho, uma longa peregrinação entre as duas cidades. A vitória final pertence àquela que tem por rei o Cordeiro imolado, e não César; àquela que se edifica no sacrifício e não na conquista; àquela cujo fundamento é o amor crucificado.

O cristão, como peregrino da esperança, caminha entre essas duas cidades com os pés no mundo e o coração em Deus. Ele trabalha, sofre, constrói, mas sabe que sua verdadeira pátria está além das muralhas do tempo. É nessa certeza que Santo Agostinho encontra o sentido da história e a serenidade da fé: “*Ali descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Eis o que haverá no fim sem fim*” (Cidade de Deus, XXII, 30).

Na luz dessa promessa, a tensão entre as duas cidades se resolve não na destruição, mas na redenção. A Cidade de Deus não elimina a dos homens, mas a transfigura — elevando o humano ao divino, o temporal ao eterno, o caos ao cosmos do amor perfeito. Essa é, em última instância, a mensagem de Agostinho: que toda cidade construída sobre o egoísmo está destinada ao pó, mas aquela erguida sobre o amor jamais perecerá.



5 - A História como Peregrinação Espiritual e o Destino da Cidade de Deus

Para Santo Agostinho, a história não é um simples encadeamento de fatos humanos nem um ciclo de glórias e quedas políticas, como pensavam os filósofos pagãos. Ela é, antes, uma peregrinação espiritual, uma travessia contínua da humanidade em direção ao seu fim último: Deus. Nesse sentido, a história adquire um sentido teológico e escatológico — é o palco no qual se desenrola o drama do amor. Desde o início dos tempos, coexistem as duas cidades: a dos homens, fundada no amor-próprio que se fecha à graça, e a de Deus, edificada sobre o amor que se abre e se entrega. Cada alma humana, no seu caminho, participa desse mesmo movimento, como um peregrino que, guiado pela fé, atravessa o deserto do mundo rumo à Jerusalém celeste.

A concepção agostiniana da história está impregnada de espiritualidade. Não há nela acaso, mas providência; não há repetição, mas direção. O tempo não é uma roda que gira sem sentido, mas uma estrada que conduz ao encontro com o Eterno. Assim, todo acontecimento — seja a queda de impérios ou a conversão de um coração — participa do desígnio divino que conduz a criação à redenção final. O curso da história é, portanto, o caminho da graça: uma lenta purificação, na qual Deus trabalha silenciosamente no coração dos homens, convidando-os a transformar o caos da Cidade terrena na harmonia da Cidade celeste.

Agostinho vê o cristão como um viator, um viajante. Ele vive no mundo, mas não é do mundo; habita a terra, mas o seu lar é o céu. “*Somos peregrinos longe do Senhor*” (2Cor 5,6), dirá o Apóstolo Paulo, e Agostinho faz eco dessa verdade. A vida cristã, para ele, é uma caminhada entre duas pátrias: a pátria terrestre, transitória e imperfeita, e a pátria eterna, onde a paz é plena e o amor é total. Assim, a história humana se torna um espelho da alma: enquanto o mundo avança em meio a guerras e esperanças, o coração do crente caminha, ora na escuridão da fé, ora na luz da graça, rumo ao descanso prometido.

No horizonte dessa peregrinação, a Cidade de Deus se revela como o destino final de todo o ser que ama. Ela não é construída por mãos humanas, mas é dom divino — a comunhão perfeita dos santos com Deus, a união entre o Criador e a criatura restaurada pela cruz de Cristo. Agostinho a descreve como a cidade onde “*Deus será tudo em todos*” (1Cor 15,28), e onde cessarão as lágrimas, a guerra e a morte. Lá, o tempo dará lugar à eternidade e o amor não conhecerá fim.

Mas a jornada até essa Cidade é árdua. O peregrino da fé — como os antigos que deixaram Ur em busca da terra prometida — caminha pela história entre tentações e esperanças. Ele se alimenta da Palavra e se orienta pela oração, sustentado pela graça que o transforma por dentro. Agostinho insiste que essa peregrinação não é apenas individual, mas também eclesial: é a Igreja, Corpo de Cristo, que caminha unida, iluminada pelo Espírito, através das tempestades do tempo. Ela é, neste mundo, a imagem e o germe da Cidade de Deus — o sacramento da presença divina na história.

Assim, a história não é tragédia, mas itinerário da esperança. Mesmo quando as ruínas parecem prevalecer, mesmo quando a Cidade dos Homens levanta suas torres de vaidade, a Cidade de Deus prossegue silenciosa, construída nos corações humildes e nos gestos de amor que ninguém vê. Cada ato de fé, cada perdão concedido, cada lágrima transformada em oração é um tijolo invisível dessa morada eterna.

No fim dos tempos, as duas cidades não mais coexistirão: a terrena passará, como tudo o que é efêmero, e apenas a Cidade de Deus permanecerá, luminosa e pura, morada dos bem-aventurados. Agostinho contempla esse destino com o olhar do crente que já provou o gosto da eternidade e confessa: “*Inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti, Senhor.*” (Confissões, I, 1). A inquietude do homem é, pois, o sinal da sua vocação à eternidade; a saudade do céu é o selo da sua origem divina.

Dessa forma, o pensamento agostiniano nos recorda que toda história humana é, em última instância, história de salvação. Cada peregrino é um elo dessa trama divina. Caminhamos entre ruínas, mas com os olhos voltados para a luz. E quando os passos se cansam, a esperança renasce, pois o destino não é o deserto, mas a casa do Pai. Na grande jornada da vida, o cristão descobre que não caminha sozinho: Deus é o companheiro invisível de todas as estradas, o sol que nunca se põe sobre o coração que o ama.

Assim, “A Cidade de Deus” permanece não apenas como uma obra filosófica ou teológica, mas como um cântico de peregrinação — uma carta escrita à humanidade errante, convidando-a a erguer os olhos para o alto. E enquanto as cidades dos homens se erguem e caem, a Cidade de Deus cresce silenciosamente, alimentada pela fé, pela esperança e pelo amor.

6 - O Homem Interior e a Esperança Escatológica em Santo Agostinho

Entre as páginas luminosas de A Cidade de Deus, uma verdade emerge como um fio condutor que atravessa toda a obra de Santo Agostinho: a renovação do homem começa no interior, onde o mistério de Deus encontra a liberdade da alma. Nenhuma cidade exterior pode ser justa se o coração humano não for transformado; nenhuma sociedade pode alcançar a paz se a alma permanecer dividida. O itinerário da história é inseparável do itinerário do coração, pois é nele que se trava a batalha decisiva entre o amor-próprio e o amor divino.

Para Agostinho, o homem é um ser dilacerado, cindido entre duas forças: uma que o puxa para o abismo da autossuficiência, e outra que o eleva à luz da graça. O “homem velho” — aquele dominado pelo amor de si — pertence à Cidade terrena, onde reina a soberba e o desejo de poder. Já o “homem novo”, recriado em Cristo, é cidadão da Cidade de Deus, porque aprendeu o caminho da humildade e da caridade. Essa transformação interior é o ponto de partida de toda a espiritualidade agostiniana: a



conversão não é apenas uma mudança moral, mas uma virada do olhar, um retorno da alma à sua origem, àquele que a criou e a chama incessantemente ao amor.

No coração humano, Deus habita como em um templo. “*Não saias de ti; volta a ti mesmo; no homem interior habita a verdade*” (De Vera Religione, XXXIX, 72). Essa frase de Agostinho resume toda a sua mística. O encontro com Deus não ocorre em templos de pedra, mas no silêncio interior, onde a alma se recolhe para ouvir a voz do Espírito. É nesse espaço sagrado — a interioridade — que o homem experimenta a presença amorosa do Criador e reconhece a própria pequenez. O orgulho o dispersa; a humildade o reúne.

Por isso, Agostinho convida cada ser humano a descer ao próprio coração como quem empreende uma peregrinação: “*Volta-te para dentro de ti, e se ainda não te encontras, ultrapassa-te, pois tu não és Deus*” (Confissões, VII, 10). O caminho da ascensão espiritual é, paradoxalmente, um caminho de descida: o homem deve descer à profundidade da própria alma para ser elevado à altura da graça. Assim, a conversão interior torna-se o verdadeiro início da cidadania celeste — o batismo da consciência que abre o coração à eternidade.

A esperança escatológica, por sua vez, é o horizonte que dá sentido a essa peregrinação interior. Agostinho contempla o fim dos tempos não como uma catástrofe, mas como o desabrochar da plenitude. A história — marcada por guerras, injustiças e incertezas — caminha para o dia em que Deus será “*tudo em todos*” (1Cor 15,28). A esperança cristã, portanto, não é fuga do mundo, mas fidelidade a um futuro prometido que já começa a germinar no presente. A alma que espera em Deus já antecipa, no tempo, o perfume da eternidade.

A Cidade de Deus, nesse contexto, não é apenas um destino distante, mas uma realidade espiritual que começa no coração transformado. Cada vez que o homem escolhe amar, perdoar, servir e adorar, uma centelha dessa Cidade eterna se acende no mundo. A esperança cristã é, assim, uma força construtiva: ela ergue pontes onde havia muros, semeia paz onde há ódio e ilumina o desespero com a chama da fé.

Agostinho, ao escrever sobre o juízo final e a ressurreição, não o faz com temor apocalíptico, mas com uma alegria serena. Para ele, o fim é cumprimento; o juízo é purificação; e a eternidade é a morada do amor sem limites. O cristão vive entre o “já” e o “ainda não”: já participa da graça, mas ainda aguarda a visão plena de Deus. Por isso, o tempo presente é um tempo de vigilância e de esperança. Como as virgens prudentes do Evangelho (Mt 25,1-13), o fiel deve conservar acesa a lâmpada do coração, pois o Esposo virá — talvez à meia-noite — e o chamará pelo nome.

Na mística agostiniana, a esperança não é passiva: é uma virtude peregrina. Ela caminha com os olhos no céu e os pés na terra. Alimenta-se da memória das promessas de Deus e se fortalece na oração, que é o suspiro da alma em busca do Infinito. “*Desejar é já começar a possuir*”, escreve Agostinho (Comentário ao Salmo 37). Assim, o coração que deseja ardente mente o Senhor já vive, de certo modo, na Cidade de Deus.

Essa esperança interior, porém, não se reduz à salvação individual. Ela tem dimensão comunitária e cósmica. A humanidade inteira é chamada à redenção; o universo, ferido pelo pecado, será renovado. A visão escatológica de Agostinho é, portanto, uma visão de reintegração universal — quando todas as coisas dispersas serão reunidas em Cristo, e o cosmos inteiro cantará em harmonia com o seu Criador.

Em última análise, o homem interior e a esperança escatológica convergem para o mesmo centro: o amor de Deus que tudo sustenta e tudo transforma. O cristão que vive segundo o Espírito antecipa, em sua vida cotidiana, a alegria eterna. Ele é sinal de uma Cidade invisível que já começa a brilhar nas sombras do mundo.

Assim, “A Cidade de Deus” não é apenas uma reflexão sobre o destino das nações, mas uma profunda meditação sobre o destino da alma. Entre o pó da terra e a luz do céu, o homem descobre que é chamado a ser templo vivo de Deus e cidadão de uma pátria que não passa. E quando o peregrino alcançar, enfim, as portas da eternidade, compreenderá que todo o seu caminho — com suas quedas, lutas e esperanças — foi guiado pelo amor que não conhece ocaso.

7 - O Amor como Fundamento da Cidade de Deus: Caritas contra Amor Sui

Em toda a vastidão teológica e filosófica de A Cidade de Deus, Santo Agostinho ergue uma verdade fundamental que sustenta o edifício espiritual da história: duas cidades foram fundadas por dois amores — uma pela caritas (amor a Deus levado até o desprezo de si), e outra pelo amor sui (amor de si levado até o desprezo de Deus) (De Civitate Dei, XIV, 28). Essa oposição mística e moral é o eixo central da obra, a chave que explica não apenas o destino das nações, mas o drama da alma humana.

A Cidade dos Homens nasce da soberba, do desejo de poder e do fechamento do coração sobre si mesmo. É a cidade construída por Caim, o fraticida, símbolo da humanidade que se afasta da comunhão para afirmar a própria vontade. Já a Cidade de Deus é edificada sobre o alicerce da caridade: nela, o homem reconhece que nada possui de si, mas tudo recebe; que não se pertence, mas pertence ao Amor que o criou. Em Agostinho, a história não é, portanto, uma luta entre povos, mas entre amores — uma batalha invisível que se trava dentro de cada coração.

“*Ama e faz o que quiseres*” (In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus, VII, 8): esta máxima agostiniana, tão conhecida e tantas vezes mal compreendida, não é licença para o arbítrio, mas uma

confissão teológica. Para o Bispo de Hipona, somente o amor verdadeiro — aquele que nasce de Deus e retorna a Deus — é capaz de ordenar todos os outros amores. Onde o amor é puro, a vontade é justa; onde o amor é desordenado, nasce o pecado. O homem, criado à imagem do Amor, só encontra sua liberdade quando ama o Bem supremo.

A caritas, para Agostinho, não é mero sentimento, mas a força vital do Espírito Santo que une o homem a Deus e aos irmãos. É o vínculo invisível que sustenta o cosmos e dá sentido à existência. Quando o amor se perde, o mundo se desintegra; quando o amor reina, tudo se harmoniza. Por isso, a caritas é o coração pulsante da Cidade de Deus — uma cidade sem fronteiras, onde reina o Amor que se doou até a cruz.

O amor sui, ao contrário, é o veneno que corrompe a alma e as estruturas da sociedade. É o amor deformado que transforma o “eu” em ídolo, que busca dominar em vez de servir, possuir em vez de doar-se. Nessa desordem, a criatura se afasta da luz e cai em si mesma, prisioneira de um labirinto de desejos. “*O orgulho é o princípio de todo pecado*” (Confissões, X, 36, 59), escreve Agostinho, mostrando que o mal não tem substância própria, mas é ausência de amor, é o vazio deixado por um coração que recusou a comunhão.

Essa tensão entre caritas e amor sui percorre toda a história, mas encontra sua expressão suprema em Cristo. Nele, o amor humano e o amor divino se reconciliam. O Filho de Deus, que se humilhou até a morte de cruz (Fl 2,8), é o arquétipo da caritas: amor que se esvazia, que serve, que redime. No Gólgota, as duas cidades se confrontam — o orgulho do poder humano e a humildade do Amor divino — e a vitória pertence à cruz, trono paradoxal do Rei que reina servindo.

A espiritualidade agostiniana nasce dessa contemplação do amor crucificado. O cristão, peregrino da Cidade de Deus, é chamado a imitar Cristo na humildade e no serviço. Sua vida deve ser um reflexo da caridade trinitária, que é comunhão perfeita entre Pai, Filho e Espírito Santo. Assim, o amor não é apenas uma virtude, mas a própria substância da vida divina comunicada ao homem. Como ensina o apóstolo João: “*Deus é amor; quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele*” (1Jo 4,16).

A partir dessa teologia do amor, Agostinho constrói uma visão profundamente social e eclesial. A Igreja, para ele, é a expressão visível da Cidade de Deus em peregrinação. É nela que os fiéis aprendem a amar ordenadamente, a servir em comunhão, a buscar o bem comum. Na medida em que vive a caritas, a Igreja já antecipa, no tempo, a realidade escatológica do Reino. Cada ato de amor é, por assim dizer, um tijolo místico na edificação da Jerusalém celeste.

Mas Agostinho também é realista: enquanto vivemos neste mundo, as duas cidades se entrelaçam. O trigo e o joio crescem juntos até a colheita (Mt 13,30). Por isso, o cristão é chamado a

discernir, no coração e na sociedade, onde habita a soberba e onde floresce a caridade. Essa luta espiritual é contínua, e dela depende o destino da alma.

O verdadeiro combate da história, portanto, não se travá nas arenas do poder, mas no interior do coração humano. A civilização só será justa quando for formada por corações convertidos. O amor que se doa — caritas — é o único cimento capaz de sustentar a cidade dos homens, transformando-a em reflexo da Cidade de Deus.

Ao contemplar o final da história, Agostinho vislumbra a vitória definitiva da caritas. No dia em que o amor for tudo em todos, cessarão as lágrimas, o tempo e o exílio. “*A medida do amor é amar sem medida*” (De Quantitate Animae, 33, 70), escreve o santo, sintetizando o destino último da alma: ser consumida pelo amor que não tem fim.

Assim, a Cidade de Deus não é apenas uma esperança distante, mas uma presença viva onde o amor reina. Cada coração que ama verdadeiramente já participa dessa eternidade. A caritas é o próprio Reino de Deus que germina silenciosamente no mundo, preparando o triunfo final da graça sobre o egoísmo.

No fim, Agostinho nos convida a fazer do amor o critério de todas as escolhas, o centro de toda a vida espiritual, o motor da história e o elo que une a alma a Deus. Pois somente o amor permanece — “*caritas numquam excidit*” (1Cor 13,8).

8 - A História como Peregrinação Espiritual e o Destino da Cidade de Deus

Para Santo Agostinho, a história humana não é um encadeamento fortuito de eventos, mas uma peregrinação espiritual conduzida pela Providência divina. Desde o Gênesis até o Apocalipse, o tempo é o cenário do drama do amor: o conflito entre aqueles que vivem voltados para Deus e aqueles que vivem voltados para si mesmos. Em A Cidade de Deus, o Bispo de Hipona contempla a história como um caminho do homem para a eternidade, um itinerário de conversão, em que cada alma é convidada a transformar-se em templo de Deus e, ao mesmo tempo, membro vivo da sua Cidade celestial.

Agostinho vê o tempo não como um ciclo, mas como uma linha que se dirige ao fim último. O início se encontra na criação, o meio na redenção, e o fim na consumação escatológica. Esse pensamento rompe com a mentalidade pagã de seu tempo — especialmente com as concepções cíclicas herdadas do estoicismo e do neoplatonismo — para afirmar uma visão profundamente cristã da história. O tempo, para Agostinho, é um caminho de sentido, onde a ação divina se entrelaça com a liberdade humana. Deus é o Senhor do tempo, e cada acontecimento, mesmo os mais trágicos, pode ser instrumento de sua misericórdia. Assim, a história é o lugar da pedagogia divina, onde o homem aprende a amar e a esperar (cf. De Civitate Dei, XIX, 4).

Essa espiritualidade do tempo está enraizada na experiência da peregrinação. A Cidade de Deus, enquanto está neste mundo, é uma cidade em caminho — *peregrinans civitas Dei*. Ela caminha entre as tentações e as promessas, entre a cruz e a glória. Os seus cidadãos são peregrinos, estrangeiros neste mundo, guiados pela luz da fé. “*Somos cidadãos do céu*” (Fl 3,20), recorda São Paulo, e Agostinho retoma essa consciência de exílio sagrado: a vida cristã é uma travessia, uma busca da pátria definitiva, onde “*Deus será tudo em todos*” (1Cor 15,28).

Essa peregrinação, no entanto, não é fuga do mundo. Pelo contrário, é o modo cristão de estar no mundo sem se deixar aprisionar por ele. O peregrino da Cidade de Deus é chamado a amar a cidade terrestre, mas sem idolatrá-la; a trabalhar pela justiça, mas sem se esquecer da graça; a agir no tempo, mas com os olhos fixos na eternidade. Como Maria, que “*partiu apressadamente*” (Lc 1,39) para servir Isabel, o cristão caminha na caridade, transformando o mundo pela presença silenciosa do amor.

A história, para Agostinho, é também o espaço da misericórdia e da conversão. Enquanto dura o tempo, há esperança. Deus permite que as duas cidades coexistam — a dos homens e a de Deus — para que o homem, em sua liberdade, aprenda a escolher o amor verdadeiro. Cada evento histórico é uma ocasião de graça, um chamado à conversão. É por isso que o santo vê, mesmo nas ruínas de Roma, não um castigo cego, mas um sinal de purificação espiritual. O colapso do Império é, para ele, a queda de um orgulho, o desmoronar de uma cidade construída sobre o amor de si. Em meio às cinzas, floresce a fé — e a esperança da Cidade eterna resplandece com ainda mais força.

No coração da visão agostiniana, pulsa a certeza de que a história tem um destino, e esse destino é a comunhão eterna com Deus. O fim do tempo não é o aniquilamento, mas a plenitude. A história é uma peregrinação que culmina na contemplação, um caminho da fé à visão, da esperança à posse, da caridade à alegria perfeita. “*Lá descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos*” (De Civitate Dei, XXII, 30). Essa frase, que encerra a obra monumental de Agostinho, é uma das mais belas sínteses da escatologia cristã: o fim da história é o repouso no amor, a alegria eterna no seio de Deus.

O peregrino da esperança, que caminha entre lágrimas e orações, encontra em Agostinho a imagem do viajante da alma. A vida terrena é como um caminho de fé, semelhante ao dos discípulos de Emaús, que caminhavam tristes até reconhecer Cristo partindo o pão (Lc 24,30-31). No percurso da história, o Senhor caminha conosco, ainda que muitas vezes invisível aos olhos. É Ele quem faz da história uma estrada de salvação, conduzindo os seus filhos pela mão até a pátria celestial.

Há, em A Cidade de Deus, uma dimensão contemplativa que transforma o olhar sobre o mundo: Agostinho nos ensina que, mesmo nas tempestades da história, a Providência está presente. Nada é casual. As dores e as quedas são, na economia divina, purificações que conduzem à santidade. Assim

como o ouro é provado no fogo, também o coração humano é purificado nas provações do tempo. O peregrino não deve temer o deserto: é nele que aprende a depender unicamente de Deus.

Espiritualmente, essa visão ressoa profundamente na experiência do peregrino cristão — aquele que, em cada passo, reza e espera. Cada caminho percorrido na terra simboliza o itinerário interior da alma em direção ao Reino. E quando o cansaço pesa, o peregrino encontra força na promessa de Cristo: “*Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos*” (Mt 28,20). A presença do Senhor na história é o consolo que impede o desespero, a chama que mantém acesa a esperança da Cidade eterna.

Na espiritualidade agostiniana, portanto, o tempo é o “lugar da graça”, e a história, o “tecido da misericórdia”. A alma humana é chamada a colaborar com Deus na construção da Cidade de Deus, não por poder ou força, mas pela fidelidade, pela oração e pelo amor. Cada gesto de bondade, cada ato de perdão, cada lágrima oferecida em silêncio é um passo rumo à eternidade.

No fim dos tempos, quando o peregrino chegar ao termo da viagem, o tempo se abrirá na eternidade. Então, cessará o labor, e o descanso será doce. “*E Deus enxugará toda lágrima dos seus olhos*” (Ap 21,4). Essa promessa é o ponto de chegada da história — não o esquecimento do caminho, mas sua transfiguração. O tempo se tornará memória amorosa, e tudo o que foi passageiro encontrará sentido no amor eterno.

Assim, A Cidade de Deus não é apenas uma reflexão sobre o passado ou uma profecia sobre o futuro; é, sobretudo, um convite a viver o presente como peregrinação. A alma é chamada a caminhar na fé, sustentada pela esperança e animada pela caridade. A história, na visão de Agostinho, é o grande santuário onde o homem aprende a amar. E, ao fim, a Cidade de Deus não será construída por mãos humanas, mas revelada como dom — a Jerusalém que desce do céu, “*como uma esposa adornada para o seu esposo*” (Ap 21,2).

O peregrino que lê Agostinho descobre, enfim, que caminhar para Deus é caminhar para casa. A jornada da história é, no fundo, o regresso do filho pródigo ao seio do Pai. O tempo inteiro é um advento, uma expectativa amorosa da eternidade. E a cada passo, mesmo nas sombras, brilha a certeza que animou o coração de Santo Agostinho: “*Inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti*” (Confissões, I, 1).

9 - Conclusões

Em A Cidade de Deus, Santo Agostinho ergue uma das mais grandiosas visões teológicas e espirituais de todos os tempos. Sua obra ultrapassa o contexto histórico da queda de Roma e se torna uma meditação universal sobre o destino da alma, a presença de Deus na história e o mistério do mal. O Bispo de Hipona transforma o lamento pela ruína da cidade terrena em um cântico de esperança: Roma cai,



mas o Reino de Deus permanece. Tudo o que nasce e morre, tudo o que se ergue e se dissolve, é apenas o cenário passageiro de um drama eterno — a escolha entre o amor de si mesmo e o amor de Deus.

Agostinho, com sua profundidade mística, convida o leitor a reconhecer que a história humana é um itinerário espiritual, e que cada alma é, em si mesma, um pequeno espelho da Cidade de Deus. O que ele chama de “duas cidades” não são apenas estruturas históricas ou políticas, mas realidades interiores: no coração do homem, travam-se as mesmas batalhas que marcam a história do mundo. O orgulho e a soberba, forças da cidade terrestre, se opõem à humildade e ao amor, virtudes da cidade celeste. Mas, ao longo do caminho, a graça de Deus age silenciosamente, transformando os desertos em jardins e conduzindo os peregrinos à luz.

Essa visão cristã do tempo e da história, tão viva em Agostinho, é também o alicerce da espiritualidade do peregrino. Assim como a Cidade de Deus avança entre as ruínas da cidade dos homens, também o peregrino caminha pela terra sem deixar de buscar o céu. O mundo é seu campo de missão, mas o coração pertence a Deus. Cada passo dado com fé, cada lágrima oferecida no caminho, é uma semente de eternidade. A vida, então, deixa de ser errância para tornar-se peregrinação sagrada, em que o Espírito Santo guia o viajante rumo à plenitude do amor divino.

Em tempos de crise e incerteza, A Cidade de Deus ressurge como farol e consolo. Agostinho ensina que, mesmo quando tudo parece ruir, Deus permanece Senhor da história, e Sua providência dirige os caminhos invisíveis da humanidade. O cristão, peregrino e esperançoso, não deposita sua fé nas estruturas passageiras do mundo, mas na promessa eterna daquele que venceu o tempo e a morte.

O itinerário espiritual proposto por Agostinho é, portanto, uma verdadeira escola de esperança. Ele nos recorda que a história, embora marcada por guerras, quedas e reconstruções, tem um destino de glória. No fim de todas as peregrinações — sejam elas de povos ou de almas —, o amor triunfará. “*Lá descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos*” (De Civitate Dei, XXII, 30).

Assim, o leitor que percorre as páginas desta obra monumental sente-se, ele próprio, conduzido a uma experiência de fé e conversão. A Cidade de Deus não é apenas um livro, mas um caminho espiritual, onde o coração humano aprende a caminhar com Deus e para Deus. E o peregrino da esperança, ao contemplar esse horizonte, entende que o verdadeiro destino da alma não está nas glórias passageiras da terra, mas na eterna alegria da comunhão divina.

A cidade terrena passará. As muralhas do tempo cairão. Mas a Cidade de Deus permanecerá, luminosa e serena, habitada pelos que amaram o Senhor sobre todas as coisas. E nessa cidade, cada lágrima será colhida, cada cansaço será transformado em repouso, e cada saudade em plenitude. Ali, os peregrinos finalmente repousarão no coração de Deus — e o amor será tudo em todos (1Cor 15,28).



E quando o leitor fecha as páginas de A Cidade de Deus, é como se o som das palavras de Agostinho ecoasse suavemente no coração: “*Caminha, alma peregrina, e não temas o deserto; pois o teu Deus vai à tua frente e te conduz à cidade onde não haverá noite, nem lágrimas, nem solidão — apenas o eterno amanhecer do Amor.*”

10 - Referências Bibliográficas

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola. 2000.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. São Paulo: Paulus, 2001.
_____. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos. Petrópolis: Vozes, 2019.

KELLER, James. *Santo Agostinho e a Cidade de Deus: História e Escatologia Cristã*. Lisboa: Paulinas, 2014.

RATZINGER, Joseph. (PAPA BENTO XVI). *Santo Agostinho: O Espírito e a Letra*. São Paulo: Loyola, 2010.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. Vaticano, 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html Acesso em: 30/05/2025.



Peregrino da Esperança